

PAULISTÃO



ALL STAR
ALL STAR

Em nylon "double-soft",
super arejado, super leve e super flexível.



MONTREAL
sucesso mundial, agora no Brasil.

PAULISTÃO

São Paulo - Ano I - Nº 8 - 1977

Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização nº 01/315-A
Secretaria da Receita Federal
Processo do Ministério da Fazenda
número 0168.05.101/76

Diretor Responsável
Sérgio Carvalho

Produção Gráfica
Editora Imparcial

Rua Senador Feijó - 161 - 2ª e 6ª andar - SP
fones: 37-2669 36-4909 37-3728

Redação
Praça Roberto Gomes Pedrosa - 8 - Morumbi - SP



PRESENÇA

BRASILEIRA EM

TODOS OS ESPORTES

Eleições

DR. ANTONIO GALVÃO, FUTURO PRESIDENTE!



A linha sucessória, dentro do São Paulo FC já está traçada. O atual presidente, dr. Henri Aidar, que deixará em abril o comando do barco são-paulino por força estatutária, já indicou para substituí-lo, a figura desse extraordinário moço e grande são-paulino que é o dr. Antonio Leme Nunes Galvão. Assim o tricolor vai mantendo de pé aquilo que se propôs a realizar, levando avante os planos da sua majestosa praça de esportes. O dr. Antonio Galvão em entrevista concedida já adiantou que sua meta, à testa do São Paulo, além de manter uma grande equipe de futebol, é seguir à risca, a meta prioritária de obras do "Plano Piloto", do Morumbi. Na gravura o futuro presidente do São Paulo que hoje é o seu vice-presidente.

Um clube não "aparece" e nem "nasce" grande. Ele luta pela sua sobrevivência, tenta tornar-se grande e, nesta sua trajetória sempre encontra obstáculos difíceis, às vezes até intransponíveis. E o São Paulo na sua gloriosa jornada soube superar todos eles da melhor maneira. E as fotos do lado contam três histórias da vida do nosso tricolor.

Três fases e três histórias da vida do grande S. Paulo

Foi duro o reerguimento do São Paulo FC, cuja herança era nobre. Graças, entretanto, ao valor e estoicismo de um grupo de homens heróicos, com uma permanente fé, aliada a um idealismo sadio, foi possível ver-se um time de "onze camisas" transformar-se em pouco mais de duas décadas (de cinquenta para cá) numa das maiores potências, de um clube poliesportivo, no mundo inteiro. No primeiro flagrante ao alto, à direita, um instante de confraternização, onde o então Tenente Porphirio da Paz, agradeceu em pleno gramado do Estádio "Alfredo Schurig", no Parque São Jorge, na década de 30, a mão forte que o clube co-irmão estava dando ao São Paulo. Vemos ainda doie elementos do São Paulo, daquela época: Paulo Machado de Carvalho, o primeiro da esquerda e o ex-defensor do tricolor, Araken Patusca.

Ao centro uma figura que nenhum são-paulino pode olvidar: Roberto Gomes Pedroza. Começou como atleta, dando para os homens que cuidavam do material, massagista e outros, os prêmios que lhe eram destinados. Galgou posteriormente os degraus da direção para chegar à presidência do nosso São Paulo. Dali à presidência da Federação Paulista de Futebol o prazo foi curto. E foi à testa do futebol de São Paulo que Roberto Gomes Pedroza pode colocar em ação todos os seus ideais, sendo o criador da Lei do Acesso e um dos maiores dirigentes que o futebol paulista, em todas as suas épocas, já teve.

No último plano uma equipe que deu muitas glórias e alegrias aos torcedores do "Mais Querido". Conquistou títulos do nosso Estado e soube cumprir, no Exterior, campanhas memoráveis. Muitos dos valores que são focalizados, também tiveram papel destacado nas seleções de São Paulo e também do Brasil. De pé, da esquerda para a direita, vemos: Rui Campos, Piolim, Mauro Ramos de Oliveira, Mario, José Carlos Bauer e Noronha. Agachados, na mesma ordem: Friaça, Ponce de Leon, Leonidas da Silva, o famoso "Diamante Negro", Remo e Teixeira. Uma equipe que, sem sombra de dúvida, marcou época e que conquistou para o São Paulo, inúmeros títulos.

Deve ser ressaltado o esforço desenvolvido pelos dirigentes do São Paulo FC daquela época para conseguir o concurso de Leonidas da Silva, cujo prestígio e valor, podiam até ser comparados aos de Pelé, durante o tempo em que este "dominou" o futebol paulista, brasileiro e mundial.



A reportagem do mês

FREDERICO A. G. MENZEN

é o numero um dos sócios são-paulinos!

É preciso trazer ao conhecimento da "nova geração" são-paulina, os nomes dos grandes vultos que o "Mais Querido" teve em sua vida. Naturalmente, os que nasceram na última década e olham espantados para o majestoso Estádio "Cícero Pompeu de Toledo", acham que a praça de esportes "caiu do Céu" e ali foi plantada pelas mãos do Todo Poderoso. Houve, porém, um "grupo heróico" que até os dias de hoje permanece fiel aos seus princípios e ideais, cerrando fileiras em torno das grandes figuras que dirigem o São Paulo, cujos nomes não podem ficar na obscuridade. Já contamos aos leitores do PAULISTÃO, quem foi Porphirio da Paz. Hoje focalizamos uma figura que poucos conhecem. Trata-se do dr. Frederico A.G. Menzen, que foi o segundo presidente do São Paulo FC, após uma curta gestão do primeiro presidente da agremiação Manoel Carmo Meca, este eleito em 16 de dezembro de 1935. Menzen foi o segundo presidente eleito, iniciando sua primeira gestão em 29 de fevereiro de 1936. Foi reeleito para o posto em mais duas oportunidades: Primeiro de Maio de 1936 e 25 de novembro de 1937. Depois, em todos estes anos, sempre fez parte da diretoria do tricolor em muitas oportunidades, tendo ocupado inúmeros cargos e sendo várias vezes vice-presidente do clube, após aqueles mandatos de presidente.



Frederico A.G. Menzen,
o sócio "número um" do São Paulo,
ao lado de uma extraordinária figura do tricolor:
Manoel Raymundo Paes de Almeida.

Frederico A. G. Menzen é o "Número Um" dos associados do São Paulo FC. Ele foi um verdadeiro baluarte nos instantes mais difíceis da vida são-paulina. Sempre firme, corajoso e dedicado, com uma fé inabalável no futuro do clube. Presidiu os seus destinos em horas agitadas e bastante amarguradas, buscando sempre a conciliação. Bondoso, por natureza e hábil no dirimir questões internas e no aplinar dificuldades, foi um homem certo, que brilhou na hora exata. Frederico Menzen deu ao clube, não só um trabalho intenso e fecundo, como também, abriu sua bolsa das economias, de maneira abnegada, dando com isso um grande exemplo de amor e dedicação ao São Paulo FC.

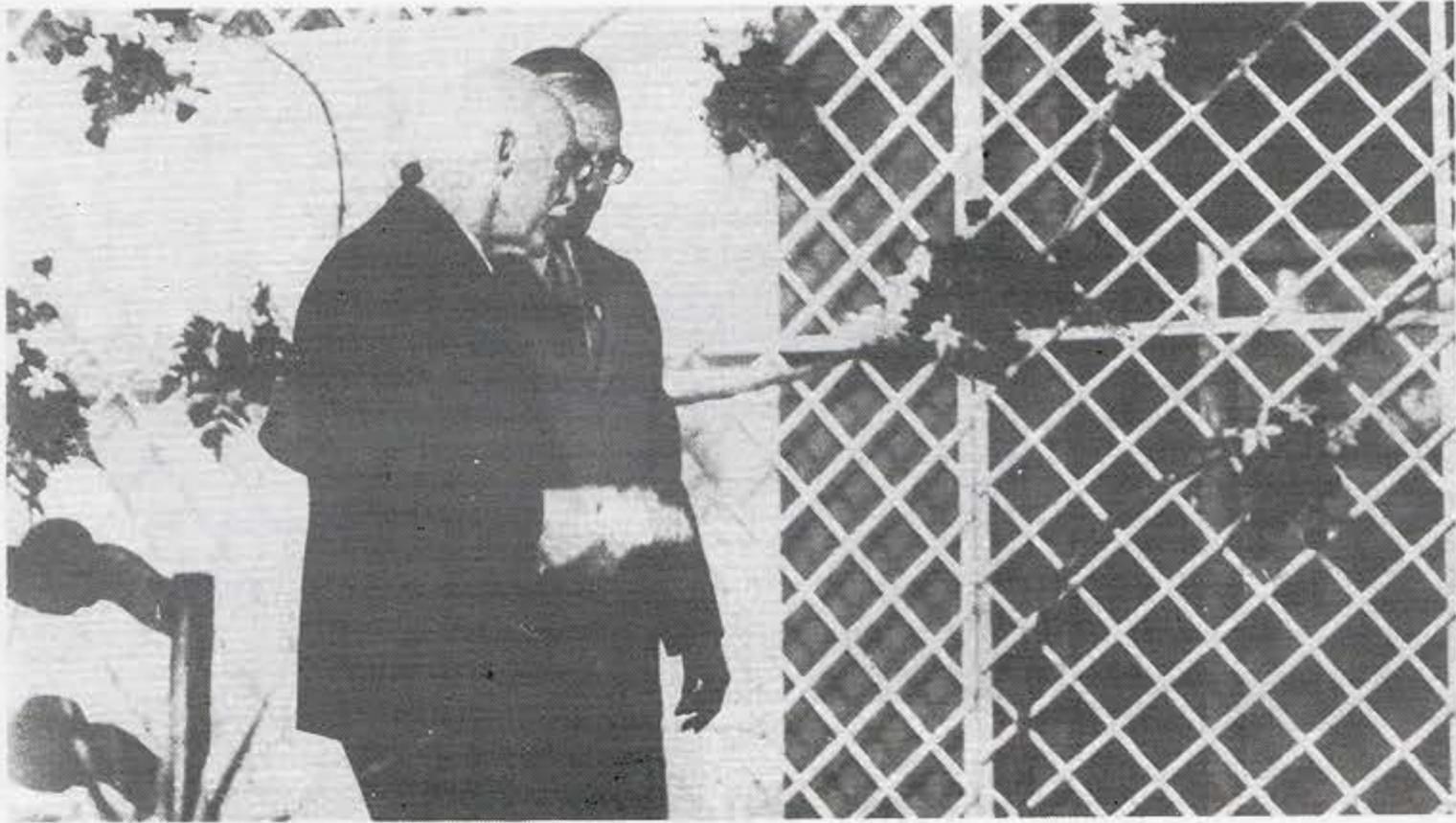
Foi graças a esse exemplo de fé e dedicação que um dia, foi feita a primeira reunião. Outras se sucederam para se fundar o São Paulo, sempre com a esperança de que num futuro longínquo este viesse a brilhar. Foi o chamado "grupo heróico", contando com figuras como Menzen, Meca, Porphirio da Paz, Monsenhor Francisco Bastos, Irmãos Toledo, Matos Viana, Maestre, Tomaz Mauri, Jaime Roso, Valdemar Eolo Campos, Alcides Borges, Sprovieri, Narvaes, Gumerindo, Granville, Edson Fonseca, Ribeiro e alguns outros que se processou a épica reunião de fundação do nosso querido São Paulo. De forma triste, naquele dia, um dos seus grandes vultos: Meca, estava ausente.

Meca havia perdido, na véspera, o seu filhinho.

E, num período árduo e difícil da vida são-paulina, surgiu uma crise aguda que poderia determinar o novo desaparecimento do São Paulo. E o dr. Frederico A. G. Menzen, o sócio número "um" do tricolor nos conta na verdade o que ocorreu:

— Na fusão com o Estudantes o trabalho foi muito maior do que consta. Fo-

A reportagem do mês



A dupla "M-M" - Menzen e Manoel Raymundo, que sempre trabalhou com dedicação pelas cores do tricolor do Morumbi.

mos procurados particularmente por diretores do Estudantes, que nos propuseram a fusão porém, com outro nome que não fosse "São Paulo Futebol Clube". Logo de início, como Presidente do São Paulo, recusei essa sugestão, levando em seguida ao conhecimento do Conselho que, diga-se de passagem, apesar de ter o número legal, a ele compareceram Monsenhor Francisco Bastos como presidente e poucos outros conselheiros além da Diretoria que nomeou o então Tenente Porphirio da Paz, para entendimentos com os dirigentes do Estudantes, levando porém sempre em conta que não aceitaríamos outro nome.

O Estudantes estava em tal situação, que os jogadores a ele pertencentes, certa noite tentaram empastelar a sede da rua da Moóca, no campo da Antártica, por falta de pagamento.

Foi aí que entrei em ação. Às 23 horas fui avisado, em nossa sede, na Avenida São João 1001, do que estava se passando. Não podendo conseguir numerário em outra fonte, dirigi-me à sede da Liga Paulista de Futebol onde consegui gentilmente do presidente dr. Arthur Tarantino, mediante um vale de 20 contos, a solução para muitos problemas. Tentei conciliar a situação, indo diretamente para a rua da Moóca e ali cheguei a ser, inclusive, maltratado com palavras pesadas. Foi quando procurei entrar em acordo com os jogadores (lá não se encontrava nenhum diretor e presente só o Administrador) que aceitaram receber uma importância por conta de seus créditos. Logo após minha chegada também foram despontando Jayme Roso, Gumercindo Nascimento

de Luca, Porphirio da Paz e não me lembro quem mais. Tomei esta providência porque os entendimentos para a fusão estavam adiantados e só a intransigência dos diretores do Estudantes, que não concordavam com o desaparecimento do nome do clube, estava atrapalhando a sua conclusão.

Muitas outras coisas ocorreram. Assim, diante da ameaça de desaparecimento do Estudantes, ao qual os seus dirigentes não mais queriam socorrer, foi aceita nossa exigência, porém com uma condição: de que eu não continuasse na presidência, o que aceitei, propondo no entanto, que o nosso futuro presidente fosse uma figu-



Helio Pacce, Basilio e Claudio Aidar, cercam Frederico A.G. Menzen, que continua prestigiando todos os grandes são-paulinos.

ra neutra. E, para felicidade geral, a escolha recaiu na figura do brilhante dr. Piragibe Nogueira, ficando eu na vice-presidência. Esta foi, mais ou menos, a história da fusão.

Naturalmente, nos dias de hoje, o dr. Frederico A.G. Menzen, vê com muita alegria e lágrimas nos olhos que todo o esforço desenvolvido naquela oportunidade, valeu a pena. A luta - que ainda não terminou - foi titânica. Isso porque os problemas financeiros sempre fizeram parte da vida do São Paulo como de qualquer outro clube. Mas os ideais que nortearam o grupo heróico, tiveram seqüência nos homens que, são-paulinos de coração e por mercê de Deus, sempre souberam dar continuidade e seqüência às coisas do tricolor. A luta, por uma fusão para evitar o desaparecimento do clube. A briga pelo Canindé. As chacotas que os dirigentes tiveram que enfrentar quando compraram o terreno do Morumbi e se propuseram a construir um gigantesco estádio, hoje são coisas do passado e, por certo, poucos lembram disso.

Frederico A.G. Menzen, no entanto, não esquece o que foi sua luta. Permanece ao lado dos grandes vultos do São Paulo de antigamente como Piragibe Nogueira, Porphirio da Paz, Monsenhor Francisco Bastos e outros, aplaudindo e incentivando os nomes que apareceram como Cicero Pompeu de Toledo, Laudo Natel, Manoel Raymundo Paes de Almeida, Henri Aidar e tantos outros. Hoje, feliz, pode sorrir e dizer que sua luta não foi em vão. O clube, além da Fé, sempre teve homens de visão e disposição à sua testa. E Menzen, graças a Deus, foi um deles.

Homenagem Póstuma



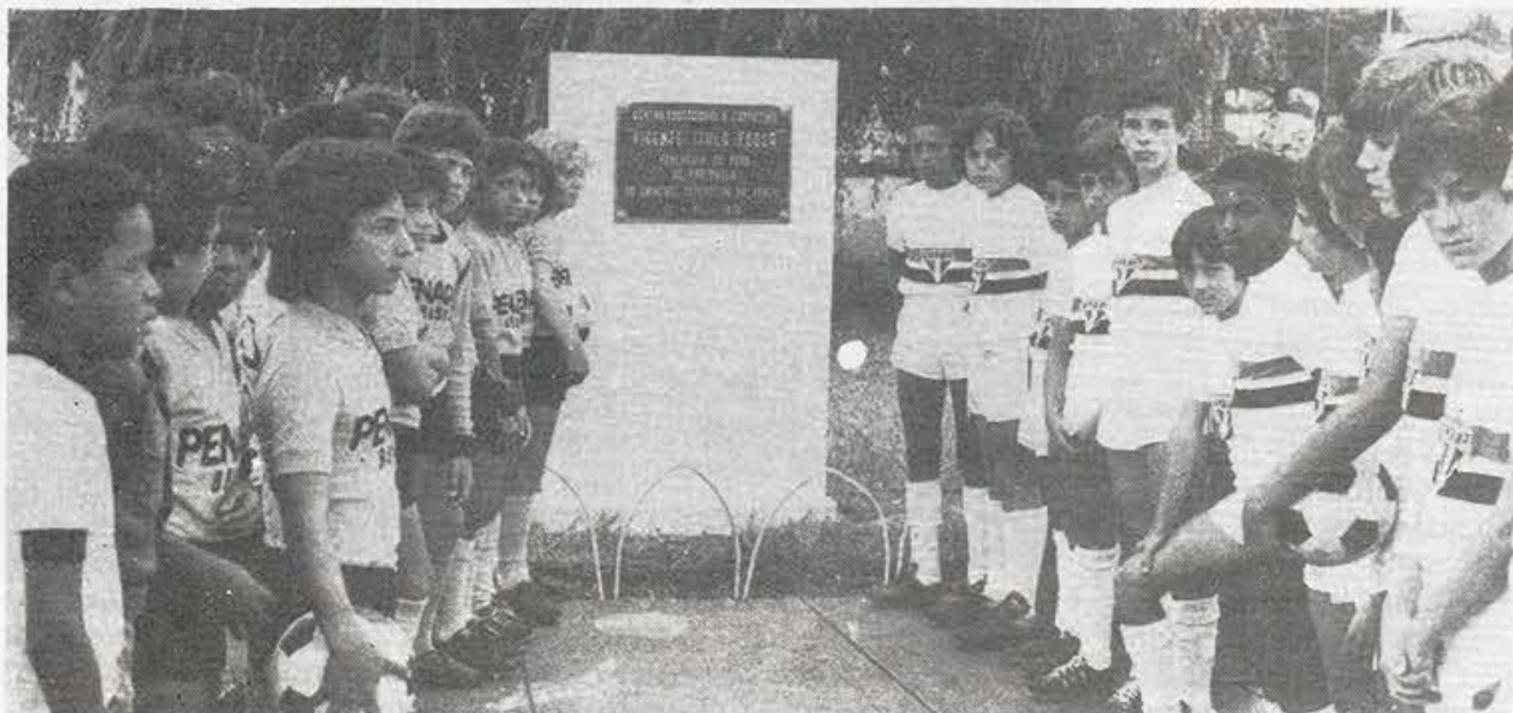
Um guerreiro no céu: Vicente Feola

Um dos grandes vultos e soldado dedicado que o São Paulo teve em suas fileiras, foi sem sombra de dúvida, Vicente Italo Feola. Desde a época da fundação do "Mais Querido", até o dia de sua morte, Feola foi sempre um "guerreiro" do tricolor e de suas coisas. Trabalhando em vários setores da agremiação são paulina teve invulgar destaque como seu técnico de futebol e, também, dirigindo a Seleção do Brasil que conquistou em gramados da Suécia, o primeiro título para o nosso país. Depois da grande conquista, esteve sempre com ligeiros problemas de saúde e foram estes que o impediram de ser bicampeão do mundo, pois o time que ele montara na Suécia, brilhou em todos os sentidos em gramados do Chile em 62. Soube conduzir o time do São Paulo em instantes difíceis e foi na Argentina, dirigindo o quadro do Boca Juniors que alcançou igualmente grandes momentos, pois o "El Maestro", como era chamado, logrou montar uma equipe que brilhou intensamente.

Retornando ao nosso país permaneceu fiel ao seu, ao nos-

so, querido São Paulo, até que não mais podia comparecer diariamente à sede da Avenida Ipiranga. Mantinha, de maneira correta e perfeita, atualizada todas as coisas do São Paulo e conhecia, de cor e salteado, os menores problemas do "Mais Querido". Jamais deixou de ser um homem reconhecido pela direção do clube, embora alguns torcedores, por força de certos e determinados críticos, nem sempre lhe poupassem críticas. Vicente Feola, de uma bondade extrema e um coração tão grande como o seu corpo, jamais ficava com raiva daqueles que o difamavam. Ria, achava graça e acaba concluindo: "Um dia a história fará justiça a tudo aquilo que fiz dentro do São Paulo e pela Seleção do Brasil".

O seu desaparecimento foi sentido em todo o país e também no Exterior, onde pelos seus conhecimentos, gozava de extraordinária simpatia. Foi, sem dúvida, um duro golpe para a família são paulina. Mas temos a certeza que Feola hoje está em paz. Afinal de contas ele sempre foi bom e soube em todos os instantes perdoar seus inimigos gratuitos.



O inesquecível



Gerson, uma figura que o torcedor não esquece

Quando a alta direção do São Paulo, anunciou a contratação de Gerson, pelo tricolor do Morumbi, o céu pareceu vir abaixo. Isso porque, poucos acreditavam que o velho sonho iria tornar-se realidade.

Em 1960, a Seleção Olímpica do Brasil, apresentou dois valores no meio do campo, que deixaram uma grata impressão aos desportistas do Velho Mundo. Os mais "experts", em assuntos futebolísticos, vislumbraram um futuro de glórias para aqueles dois elementos, entendendo que o Brasil acabaria tendo valores de indiscutível categoria. Eram eles Roberto Dias, do São Paulo e Gerson de Oliveira Nunes, do Botafogo, do Rio. E, depois daquela conduta excelente da "dupla de meia cancha" do Brasil, nas Olimpíadas de Roma, em muitas oportunidades o São Paulo insistiu, e procurou, de todas as maneiras possíveis, conseguir o concurso do "Canhotinha de Ouro".

Por isso, quando a alta direção do tricolor, anunciou que Gerson já pertencia ao São Paulo, houve um contentamento indescritível, pois aí todos passaram a acreditar que as coisas iriam melhorar. Era o primeiro e grande esforço financeiro que a diretoria iria fazer, pois até então, o dinheiro que entrava era todo canalizado para a construção da maior praça esportiva particular do Mundo. E, com Gerson, veio a boa época de 1970. O título ficou para os sãopaulinos. Ao lado de um Gilberto que começava a se projetar, de um Paulo Nani, lá estavam figuras como Edson, Toninho "Guerreiro", Jurandir e outros destacados valores, como grandes companheiros de Gerson. Inclusive Pedro Rocha.

A torcida ainda lembra que Gerson foi um novo "marco" na história do tricolor. Afinal de contas em oportunidades anteriores, também recorrendo a outros "mercados", inclusive o carioca, lograra o São Paulo conseguir elementos que vinham no momento certo, para dar ao clube o almejado título. Aconteceu com Zizinho. Ocorreu com Sastre. Verificou-se a mesma coisa com Gerson e ainda Pedro Rocha, sentindo-se enfim que a diretoria havia conseguido marcar um grande tento. Infelizmente, com os anos pesando sobre os seus ombros, também com uma contusão dura sofrida em uma partida de futebol de salão (durante o período de férias) em Niterói, Gerson já não podia continuar. Sua esposa não agüentara o clima de São Paulo. Assim foi que Gerson retornou ao futebol carioca, para tentar, no Fluminense (seu clube do coração) aquilo que ele dera ao tricolor. Lá, porém, não deu seqüência à sua extraordinária carreira, cujo ápice foi inegavelmente no México e ainda nas fileiras do São Paulo.

Nos dias de hoje, muito bem financeiramente, pois jamais foi de "jogar dinheiro fora", Gerson é comentarista de Rádio e possui em Niterói, sua cidade, algumas lojas de material esportivo, cujo nome é "Gerson's" que traduzida do inglês é: "Do Gerson". Mas que deu outra dimensão ao futebol do São Paulo, nenhum torcedor esquecer!

Os nossos ídolos

Eles confiaram em Deus para voltar a jogar:

Teodoro, Mirandinha e Osmar!



A carreira do futebolista é curta. Também, bastante imprevisível. Poucas vezes um atleta é favorecido pela sorte e bafejado por Deus, como é o caso de Pelé. Outros enfrentam dramas terríveis em sua carreira e precisaram ter fê (como tiveram) para um dia poder voltar a jogar. E foi o que aconteceu com Mirandinha, Teodoro e Osmar.

Muita gente, que não conhece o futebol a fundo, não sabe que este esporte é duro e difícil. Na verdade são poucos os "salários de rico" que militam em nosso futebol. E quem percebe isto, são sempre os "privilegiados da fama" ou aqueles que tiveram um pouco mais de sorte para ganhar o estrelato. Outros precisam brigar, lutar, trabalhar instensamente, debaixo de sol ou de chuva, frio ou calor, para manter o seu sustento e os dos seus familiares. Se for uma "formiga" saberá guardar um pouco do que ganha. Mas se

for uma "cigarra", ao final da sua carreira, estará atirado à rua da amargura.

Exemplos de fé em Deus

O São Paulo tem três exemplos de fé e coragem, que deveriam ser sempre reproduzidos e contados aos jovens menos experientes: Teodoro, Mirandinha e Osmar. Teodoro, quando foi contratado pelo tricolor junto à Ponte Preta, de Campinas, veio com mais dois companheiros:

Samuel e Nelson. Foi, no entanto, o que "venceu de cara". Um colosso na defesa do São Paulo. Quanto mais o time dele precisava, mais dava de si. Seu nome passou a ser olhado, com o maior respeito e carinho, para a seleção do Brasil. Um dia, no entanto, numa entrada maldosa de Wanderlei, atualmente na Ponte Preta, de Campinas, houve a fratura dupla na perna de Teodoro: tibia e perônio.

O duro transporte de Belo Horizonte para São Paulo. A esperança da recuperação. Os dias amargos de

Os nossos ídolos

espera. A impossibilidade de ser aproveitado no time ou o empréstimo para outras agremiações, não derrubaram a fé ou a esperança de Teodoro no seu futebol. E quando Minelli veio para o São Paulo houve o "renascimento do craque". Teodoro emergiu daquele estado aflito em que se encontrava, para mostrar raça, categoria e capacidade em defesa do São Paulo. Assim, um atleta que parecia inteiramente perdido e sem condições, acabou se constituindo em peça de vital importância na boa campanha da equipe, na temporada de 77.

E Mirandinha? Que exemplo de fé e dedicação do atacante do São Paulo. Numa jogada sem muita importância, em São José do Rio Preto, também sofreu uma fratura que parecia "recuperável em pouco mais de noventa dias". Acontece que estes três meses se prolongaram por três anos. Submetido a várias intervenções cirúrgicas, sempre acreditando em Deus e que um dia ele estaria erguendo novamente o braço no ar, festejando o seu gol, acabou conseguindo o milagre. Clinicamente,

após as duas primeiras intervenções cirúrgicas, poucos acreditavam que ele viesse a jogar bola novamente. Assim, o atleta que não encontrara "caminho no Corinthians" e que em pouco tempo de São Paulo chegou à seleção brasileira, parecia fadado a abandonar o futebol da mesma forma como acontecera com Fefeu (fratura da perna quando atuava no Rio por empréstimo do S. Paulo) ou mesmo Lourival (também emprestado ao futebol carioca). Mirandinha lutou até o último instante. Passou dias amargos. Todavia, o amparo moral e financeiro dado pela alta direção do São Paulo; a amizade constante e permanente de seus amigos, aliados à vontade férrea do craque em retornar, permitiram sua volta. Agora é torcer para que ele volte a jogar, o futebol que o consagrou e possa dar as mesmas alegrias que deu ao tricolor e que serviram para obrigar, um dia, um crítico que não acreditava no seu futebol, a raspar, perante as câmeras de televisão, sua vasta cabeleira.

Com Osmar o drama foi quase o

mesmo de Mirandinha. Surgiu no CA Juventus como um dos melhores laterais do Estado. Embora o São Paulo contasse com bons elementos, um valor como Osmar seria sempre útil. No entanto ele pouco pode jogar pelo "Mais Querido". Sofreu uma dura fratura. Teve que permanecer longo tempo em tratamento. Depois começou a exercitar-se, fazer levantamento de peso, bater bola novamente, até que readquiriu condições de jogo. E o destino, implacável como ele só, no seu primeiro jogo de volta, fez com que fraturasse novamente a perna. No mesmo lugar. Um duplo golpe para um garotão, cujo futebol e vitalidade eram armas com as quais o São Paulo contava.

Osmar, porém, a exemplo de Mirandinha, não "entregou os pontos". Submeteu-se ao mesmo, longo, exaustivo e intenso tratamento pelo qual Mirandinha passou. Agora está novamente Ok. Retornou aos jogos juntamente com o homem-gol do São Paulo. Mais disposto do que nunca e certo de que ainda poderá ser útil ao tricolor.



Qualidade e diversidade em acessórios de metal.

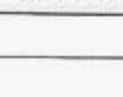
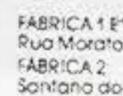
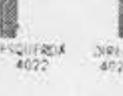
ULTIMA NOVIDADE
BOTÃO GANCHO PATENTEADO



16 ml - FAB 256

12 ml - FAB 293

CANTONEIRAS



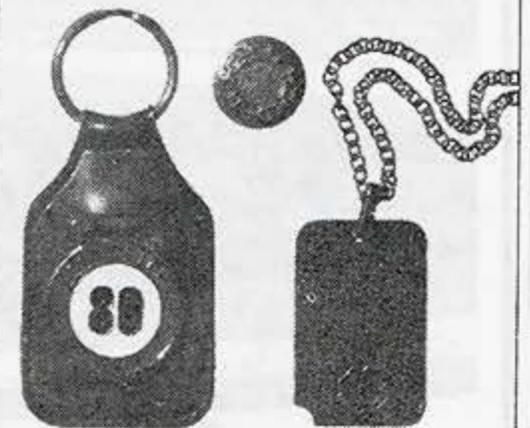
CHAVEIROS DES-TAK

MARCA REGISTRADA

ARGOLAS P. CARRO, ESCRITÓRIO, RESIDÊNCIA, ETC.



BRINDES PROMOCIONAIS
DIVERSAS CORES E DESENHOS



OLISONI
IND. E COMÉRCIO LTDA.

FABRICA 1 EVENDAS
Rua Morato Coelho, 790 - Tel. 210-5680
FABRICA 2
Santana do Parnaíba - Est. de São Paulo

REPRESENTANTES:
MARCOS DE OLIVEIRA XARA - Fone 288-9399
Av. 28 de Setembro, 258 - Loja 15 - Rio de Janeiro, RJ
OSÍ APOSTOLHO DE NOGUEIRA - Fone 22-4749
Rua Figueiredo de Lima, 1120 - Franca - São Paulo
ALCIONE BRUNALI DOS SANTOS - Fone 34-3570 - Rua Maíros
José Bins, 1337 - Chácara das Palmeiras - Porto Alegre, RS
FRANZINI - Fone 22-1577
Rua 15 de Novembro, 550 - Loja 205 - Blumenau, SC
JOSÉ EDILSON DA SILVA - Fone 74-9333
Rua da Colônia, 72 - São José do Rio Preto, SP
JOAQUIM ALBERTO DA SILVA - Fone 23-8230
Rua Amante Bonoso, 150 - Apt. 42 - Curitiba, PR
FRANCO DIAS DOS SANTOS - Fone 220-0885
Rua 15 de Novembro, 449 - Belo Horizonte, MG

O SONHO QUE SE TO

INÍCIO DA
CONSTRUÇÃO
DO MONUMENTAL
MURO
DE
VEDAÇÃO.



Quando o São Paulo se dispôs a construir um Parque Social e Esportivo no bairro do Morumbi, não faltaram aqueles que, de todas as formas possíveis e imagináveis, procuraram "torpedear", o sonho dos dirigentes são-paulinos. "Aquilo é um sonho-de-loucos" e ninguém conseguirá erguer nada naquele local. Com a sua construção iniciada em 1954, a esperança era de ter as obras concluídas em 1963. Todavia, o elevado aumento de material, mão de obra e a subida em espi-

ral do custo de vida, não permitiram que o estádio, cujo projeto previa a forma oval-olímpica, fechado, fosse inaugurado com sua capacidade completa. Aquilo foi o suficiente para, novamente, os eternos detra-tores perguntassem: Sabem quando a praça de espor-tes do Morumbi ficará pronta? — É isso mesmo: Nun-ca! Só que estes homens não conheciam o poder da fé e a extraordinária capacidade de seus dirigentes. Estes jamais se deixaram abater. Nem pelas "ondas", nem



OS
PRIMEIROS
DEGRAUS
FORAM SURGINDO
RAPIDAMENTE...

ORNOU REALIDADE



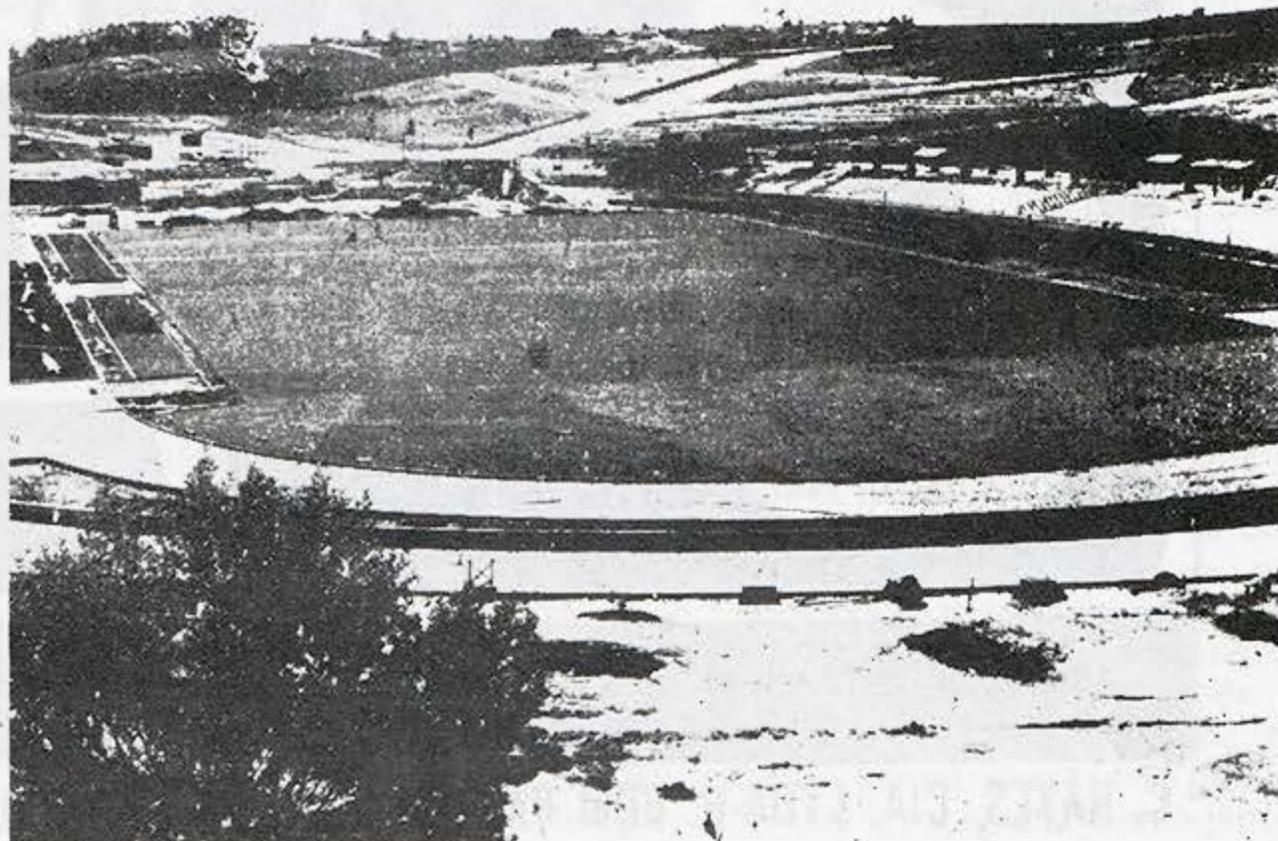
E OS PRIMEIROS
TUBULÕES
DAS
FUNDAÇÕES
FORAM
SENDO
FINCADOS...

por crises econômico-financeiras. Vendo que os recursos através os títulos não permitiam a execução do fantástico plano de obras, acabaram criando o "Paulistão".

Foi com o dinheiro oriundo do "carnê" e da correção sempre indesmentível dos dirigentes do São Paulo, que o plano foi levado avante e o Estádio de Futebol terminado, ou melhor dizendo, fechado. Agora faltam poucas coisas. Mas o sonho que muita

gente dizia ser impossível, hoje é uma gostosa realidade. Estamos apresentando aos leitores da Revista Paulistão, as primeiras fotos do local e o que se tornou imperioso fazer para o erguimento do maior estádio particular do mundo, com capacidade para 150 mil pessoas. Em nosso próximo número ainda mostraremos mais novidades e daremos continuidade à apresentação do nosso grande, monumental e combatido estádio "Cícero Pompeu de Toledo".

EM FINS DE 1958
A PISTA
DE ATLETISMO
ESTAVA
PRONTA, COM
A SUPERVISÃO
TÉCNICA DE
DIETRICH GUERNER.



Os juvenis

QUANTOS JUVENIS SURGIRÃO DA NOVA SAFRA DO S. PAULO?

O São Paulo Futebol Clube, passou a ter um Departamento de Futebol "integrado". Ele proporciona aos seus atletas juvenis as mesmas condições oferecidas aos jogadores profissionais. Além dos médicos especializados e preparadores físicos, há o trabalho em regime integral e todos os valores participam dos exercícios que são feitos pelos "cobras" inclusive no "gladiador" que permite dar ao jogador maior resistência. Resta saber, agora, se os frutos poderão aparecer no futuro da mesma maneira como apareceram no passado. Os leitores devem estar lembrados que ao tempo da Escolinha de Firmo de Mello e José Poy, alguns craques como Arlindo, Gilberto, Paulo Nani, Zé Sergio, Zé Carlos, Murici e

muitos outros foram revelados.

Sabemos que a diretoria não mede esforços e nem poupa dinheiro a fim de dar o maior amparo ao Departamento Infanto-Juvenil do "Mais Querido". Soma superior a duzentos mil cruzeiros é invertida naquele órgão. A campanha cumprida no Campeonato de qualquer categoria menor no ano passado, não chegou a ser "brilhante". Existem esperanças em torno de algum valor dos quadros inferiores do "Mais Querido"? Difícil responder. Apenas sabemos que Rubens Minelli agora se mostra à testa também do Departamento e quer ter lucros a curto prazo, para ver se já no fim de 78, algum craque tenha despontado das fileiras inferiores.



★ lenços

Cacique

®

GARANTIA DE QUALIDADE

C. RAYES, CIA. LTDA-R. BOM PASTOR 2826/34 SÃO PAULO-FONE, 2745411

O craque do passado

Poy chegou, gostou, ficou, e provou sempre seu valor

José Poy foi um dos bons e grandes valores que o São Paulo FC trouxe do Exterior. Naturalmente, cada um tem a sua história. A do ex-arqueiro, no entanto, é diferente. Em tudo aos demais elementos que aqui vieram para defender o tricolor. Ele gostou, ficou e jamais vestiu outra camisa. Parou de jogar mas continuou no S. Paulo.

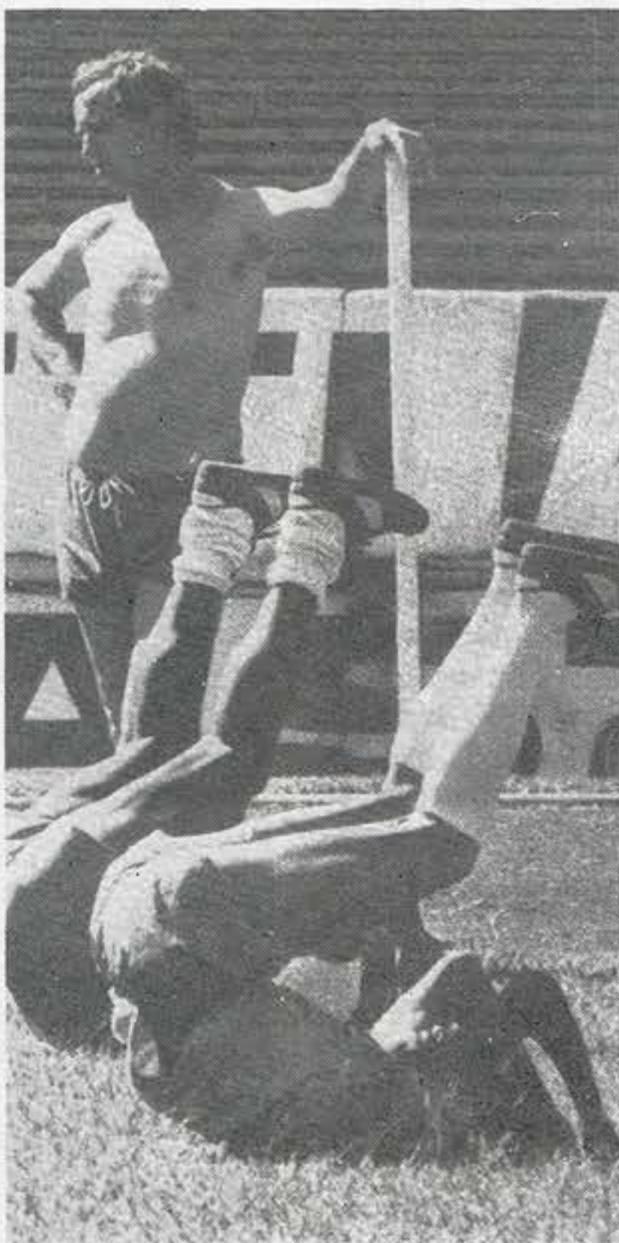


— Temos que pegar as bolas difíceis e, de vez em quando, até mesmo as impossíveis, disse um dia José Poy a um repórter que o entrevistou, a respeito dos "segredos" que existem debaixo dos três paus. E comentou, ainda: Isso porque as fáceis todos os goleiros pegam.

E José Poy foi um arqueiro de extraordinária regularidade. Ao lado de De Sordi e Mauro e inúmeros outros valores do São Paulo FC foi sempre figura de destaque. A popularidade que sempre desfrutou dentro do clube, pelo seu comportamento exemplar, lhe permitiu, igualmente, tornar-se independente. Isso porque foi sempre um trabalhador dos maiores. Quando o tricolor iniciou o movimento de venda de títulos de sócios patrimoniais um dos maiores vendedores foi José Poy. Ele ia à casa do torcedor. Falava com este. Sabia convencer sobre a obra que estava sendo levada a efeito pelo São Paulo. Por isso, tornou-se um dos elementos que maior número de títulos patrimoniais do tricolor conseguiu vender.

Ajudando, dessa forma, a construir o Parque Social e Esportivo do Morumbi, Poy jamais deixou de ser útil, no futebol, ao São Paulo. No instante em que dependurou as chuteiras, pediu para ser o treinador dos quadros menores do "Mais Querido". Ali, ao lado de Firmo de Mello, conseguiu formar alguns valores de categoria para o futebol profissional.

Podemos dizer, sem receio de errar, que conseguiu formar mais de trinta bons jogadores de futebol, alguns dos quais, craques. Poupou,



nesse particular algum dinheiro para os cofres do tricolor pois muitos dos valores que durante certo tempo defenderam com brilho a jaqueta são paulina haviam sido revelados nas fileiras inferiores do clube, sob a batuta de José Poy. Até que um dia foi chamado para ajudar também no quadro de cima.

Foi quando implantou um "sistema revolucionário" no futebol paulista e brasileiro. Isso porque todos

estavam preocupados com a "tática do futebol holandês" ou, então, o chamado "carrossel". Poy, ao lado de Rocha, de Chicão e aproveitando o talento de dois garotos que tinham vindo da sua equipe de juvenis, formou um "quadrado" integrado pelos dois craques citados e, ainda, Zé Carlos e Murici. Inovando e aplicando a mesma disciplina que havia recebido quando era atleta, acabou por dar ao São Paulo, também, o título de campeão.

Como todo técnico, porém, tinha que parar um dia. Parou, mas não deixou o São Paulo. Continuou ajudando o tricolor na sua parte administrativa e hoje faz parte do Departamento de Promoções do clube. Com quase trinta anos de clube não pensa em se aposentar e pelo seu indiscutível valor e capacidade como técnico, já foi tentado, em mais de uma oportunidade, a deixar o clube. Muitas propostas de vulto, foram feitas ao ex-arqueiro. Poy continua o seu trabalho no S. Paulo com o seu "portunhol" (mistura de português e espanhol). Já dirigiu o time do tricolor da melhor maneira possível e uma passagem curiosa com Poy ocorreu na Argentina quando lá esteve o São Paulo e ele estava sendo entrevistado por um repórter do país irmão: Já com o seu castelhano meio "gasto" e misturando o português com as palavras espanholas, ouviu apenas o repórter dizer a ele: "Pode falar português que o entendo muito bem". Ele não sabia que o português de Poy era daquele mesmo jeito que o espanhol que ele fala.

Os técnicos

Zezé, o homem que quebrou o jejum!

Alfredo Moreira Junior, nome pouco conhecido para os desportistas em geral, outro não é, senão o competente "Zezé" Moreira, irmão dos técnicos Aimoré (que também já esteve no São Paulo) e Airton, aquele que um dia formou um poderoso time no Cruzeiro. Zezé, a exemplo de Gerson, também era um velho e grande sonho do São Paulo.



— Nós precisamos de um técnico que seja competente, disciplinador e que não venha trazer os seus problemas para o clube.

Foi esta a definição da alta direção do São Paulo quando, no começo de 1970 resolveu trazer Zezé Moreira para o tricolor que estava formando um time que ainda daria muitas alegrias e seria uma verdadeira sensação no futebol bandeirante.

Laudon Natel não queria deixar o tricolor sem ver o seu time conquistar um título. Aquela era a grande oportunidade pois já estava sendo o Governador de todos os paulistas. Zezé soube levar a cabo sua missão. Com muita paciência, sábia orientação e uma experiência que lhe deixava amargas cicatrizes na pele, sabia como é que devia tratar com Edson, Pedro Rocha, Gerson, Toninho "Guerreiro" e muitos outros "cobras" que o tricolor alinhava em suas fileiras.

A diretoria do tricolor havia cumprido até aquele instante a sua missão. Enquanto alguns clubes se debatiam, numa ânsia desesperada de anular o prestígio futebolístico do Santos, o São Paulo sem cometer loucuras, mas mantendo sempre uma grande equipe, tinha a preocupação de erguer sua majestosa praça de esportes. E, no dia em que isso aconteceu, voltou a pensar, com mais insistência na conquista do título máximo do futebol bandeirante.

Finda a construção do Estádio, na sua parte do futebol, então o São Paulo passou a ter as grandes alegrias. E com Zezé Moreira no comando do time, conseguiu o "Mais Querido" em 1970 quebrar o longo jejum de títulos que o São Paulo vinha tendo. A conquista foi, sem sombra de dúvida um grande acontecimento. Marcava a volta do tricolor às grandes conquistas e, de lá para cá, o São Paulo esteve sempre em todos os acontecimentos marcantes, só não conseguindo o título que sua torcida também estava sonhando: o de Campeão do Continente. Mas contra a sanha de alguns torcedores, fora do país, isso se tornou difícil, quase impossível. Zezé, no entanto, foi um grande comandante.



Os técnicos



Após chegar à conquista do título máximo paulista em 1970, o técnico Zezé Moreira também deixava as fileiras do São Paulo FC. Razões? Vamos deixar pra lá. O importante ficou sendo o trabalho apresentado por Zezé Moreira. Era preciso encontrar um sucessor para este. E a escolha acabou recaindo em Oswaldo Brandão.

Brandão, cujo cartaz no futebol brasileiro é dos maiores, tinha perante a torcida do São Paulo uma responsabilidade das maiores. Afinal ele estava pegando nas mãos uma máquina que conseguira chagar ao título máximo do futebol bandeirante. Ele já havia estado antes no tricolor, mas não conseguira muita coisa extraordinária. A sua grande chance seria em 1971. Acabaria ele por "dominar" as feras que tinha em seu poder para fazer o time chegar ao bicampeonato.

Velha raposa, profundo psicólogo, embora às vezes com um gênio intempestivo, ele é um homem que "fala a conversa" do jogador e não a do dirigente ou do crítico. Entre qualquer um deles, está sempre ao lado do atleta. Uma coisa também é indiscutível: ele defende o profissional, como uma galinha os seus pintinhos. Mas é o primeiro a dar uma dura no atleta que deixe de cumprir ou executar suas ordens, dentro ou fora do campo. Nesse particular sempre foi intransigente.

Foi "conversando", unindo o time, tornando-o competitivo, que Brandão acabou por dar ao São Paulo a conquista do bicampeonato paulista, fato que muitos não acreditavam. Ao mesmo tempo Oswaldo Brandão realizava um sonho que, até então, ele havia conseguido apenas no Palmeiras. Embora fosse um técnico que tivesse passado por todos os grandes clubes do futebol paulista, fora só no Palmeiras que conseguiu o título.

A conquista do bicampeonato no São Paulo permitiu ao técnico alcançar um grande sonho. Não foi, igualmente, uma tarefa fácil. Ao contrário. É bastante difícil "controlar" um time cheio de bons e destacados valores. E isso, queiram ou não, Brandão sabe fazer. Ele sabe como "cotucar" o jogador e exigir deste o máximo dos seus esforços. Se o atleta não o atende nesse particular, então o técnico sabe que o profissional também não é bom para o clube.

A conquista de 71 ficou marcada de maneira indelével na história do futebol do São Paulo FC pois era o segundo título após a construção da sua majestosa praça esportiva. Provava o tricolor um fato importante; em primeiro lugar estava o Estádio e conseqüentemente Parque Social Esportivo capaz de oferecer tudo aos associados. Depois do grande esforço, o clube podia pensar um pouco mais no futebol E, de lá para cá a verdade é que o São Paulo se não tem chegado ao topo, o que é permitido apenas a um concorrente, tem sempre estado lá, não decepcionando, de forma alguma, sua grande e numerosa torcida.



Uma ameaça aos laterais

Edu, a fera da camisa 7



Um lançamento longo em profundidade sempre o pega à meio caminho do gol. Depois do domínio, um pique mais forte, para um cruzamento perfeito ou um corte do lateral por dentro, e uma bomba de pé direito para vencer o goleiro do adversário. Esta a característica deste ponta diabólico que veste a camisa sete do Palmeiras, e que apesar de ser uma das principais armas do time verde para ganhar suas partidas e seus títulos, ainda é criticado até hoje, por não possuir um domínio de bola mais esmerado, e um drible desconcertante ao estilo do velho Mané Garrincha.

Falamos de Edu, também batizado como o Exorcista, porque ele inferniza os zagueiros adversários, um ponteiro que lembra muito um camisa sete do São Paulo, que tinha estilo parecido com o seu, e que também recebia as mesmas críticas, mas possuía a mesma eficiência do ponta palmeirense: Maurinho.

Lembram-se como o Maurinho era criticado na sua época por não saber driblar com a mesma facilidade de Canhoteiro, o mágico da camisa onze. Mas ninguém nega, Maurinho foi tão eficiente quanto o seu companheiro de time, como Edu é hoje no Palmeiras: tão importante no esquema do técnico como o é Nei do outro lado, ou o próprio Jorge Mendonça pelo meio, apesar das posições e estilos serem completamente diferentes.

Acontece que das jogadas pela direita,

aproveitando a extraordinária velocidade de Edu, nascem as principais jogadas de ataque do Palmeiras. Foi assim já nos tempos de Minelli por lá, de Brandão e agora de Jorge Vieira. Seu cruzamento ou seu chute forte, quando entra em diagonal, representam praticamente meio gol. E será que isto só não basta para provar sua eficiência?

O mal é que todo mundo quer ver pontas com as mesmas virtudes de Garrincha, de Canhoteiro, de Claudio, que foram ídolos no passado, jogando um futebol de alto nível, só atingido pelos verdadeiros gênios da bola.

Acontece que o futebol não vive só dos gênios, e Edu prova isso. Já nos tempos de Brandão, quando num só ano o Palmeiras ganhou mais de cinco

títulos, o futebol deste ponta era altamente valorizado pelo próprio técnico. Quantas vezes o próprio Brandão não confirmou este fato?

Talvez por isso, e pela sua dedicação nos treinos e jogos do Palmeiras, é que Edu vai superando tudo, passando ano após ano, como titular definitivo da camisa sete do Verdão, que sem ele não consegue ser o mesmo time insinuante e agressivo dos seus melhores dias.

Por este motivo, quando falou-se na venda de Edu recentemente, o presidente Bruno Saccomani veio à público, e apressou-se em desmentir:

“Quem disse isso é louco. Edu não sai do Palmeiras. É um patrimônio do clube e só deixará o Parque quando pendurar as chuteiras. Isso eu garanto”.

Clodoaldo esquece o passado e volta com tudo ao futebol

Esse será o ano do Corró



Clodoaldo, todo mundo se lembra, chegou do nordeste ainda goroto, cheio de sonhos, e na esperança de provar que apesar de jovem, poderia fazer parte do esquadrão do Santos, então uma máquina de jogar futebol que assombrava o público esportivo da época.

E poucos acreditaram quando aquele menino franzino e tímido, entrou no gramado de vila Belmiro para seu primeiro teste. Alguns chegaram a ironizar:

“Esse aí só tem chance porque é apadrinhado de um diretor do Santos. Ele não terá a mínima oportunidade de se firmar num time que possui craques do gabarito de um Zito que é o melhor do mundo na posição”.

Na verdade, Clodoaldo era apoiado na sua vida particular, por um diretor do Santos. Como ele perdeu muito cedo a convivência da família, veio para Santos morar com este dirigente. Mas ele não foi treinar na vila por causa disso, mas sim pelas suas virtudes natas como grande promessa da escolinha do Santos, como provou pouco tempo depois, realizando carreira meteórica, e contando com a desistência de Zito, que resolveu pendurar as chuteiras e abriu a vaga para a explosão do já então comentado Corró da vila Belmiro.

Do time titular do Santos para a seleção brasileira foi um pulo. Especialmente porque o técnico na fase eliminatória, João Saldanha, resolveu fazer do Santos, o time base do nosso selecionado, o que facilitou a inclusão de Clodoaldo entre os chamados.

Na Copa de 70 no México, o extraordinário médio santista explodiu de vez. Com dezenove anos apenas jogou como um veterano, e chegou até a marcar um golço em jogo decisivo contra os uruguaios.

Voltou campeão do mundo e disputou ainda dois bons cam-

peonatos pelo Santos. Depois disso, a fase negativa surgiu. E surgiu com tamanha força, que mesmo sendo um jogador de personalidade forte, apesar de humilde, Clodô passou por maus momentos, pensando inclusive na possibilidade de ter que abandonar o futebol.

Na Copa de 74, quando nossos principais ídolos haviam deixado os gramados, e contávamos apenas com sua vitalidade para dar um pouco de força ao nosso meio campo, ele não resistiu e no teste que antecedeu os últimos cortes para relacionar os vinte e dois, Lidio Toledo o vetou.

Foi um drama. E o drama continuou aqui, quando ao chegar na vila já haviam criado um ambiente negativo para ele, taxando-o de mascarado, de irresponsável, e de outros pejorativos mais, que muito o magoaram, e o fizeram pensar em tentar a sorte em outro clube.

O problema é que a pressão era tanta, que os clubes que poderiam interessar-se pelo seu futebol, nem pensaram em se pronunciar a respeito. E Clodô foi ficando no Santos, de contusão em contusão, sendo esquecido nas convocações, apesar dos seus ainda vinte e seis, para vinte e sete anos.

Este ano (78), quando praticamente poucos se lembram do seu futebol ágil e objetivo, sem muitas firulas mas que poderia ainda servir muito a um de nossos principais clubes, e à própria seleção, Clodô resolveu dar seu grito de independência: ou vai ou racha.

Contratou um médico particular, gastou um bom dinheiro na sua recuperação, e garante que está pronto para voltar com tudo:

“Setenta e oito será meu ano de redenção. O ano da volta do bom Corró. E se deixarem ainda volto à seleção. Vocês vão ver”.

Moisés, símbolo do futebol- força

O velho xerife ainda não morreu

Quando o Corinthians contratou Moisés, que andava meio por baixo no Vasco da Gama, onde não conseguia nem ser titular, muita gente torceu o nariz. Afinal, o que faria em São Paulo, um jogador que nem mesmo no lento e superado futebol carioca não conseguira se firmar?

Apesar de tudo, e das pressões em contrário, o presidente Vicente Matheus acreditou, e trouxe Moisés. Ele tinha esperanças de que até certo ponto boa experiência realizada com Brito, (que veio para São Paulo acabado, mas que chegou com o Corinthians a disputar uma final de Campeonato), pudesse ser repetida, e talvez com maior chance de vingar pois Moisés tinha menos idade que Brito, e mais personalidade.

E parece que Matheus tinha razão. Tanto que já no seu primeiro ano de Corinthians Moisés passou a ser respeitado como um verdadeiro limpa-área, revivendo seus melhores tempos de dupla de área com Miguel no Vasco da Gama, quando inclusive ganhou o apelido de *Xerife*, pois não deixava atacante se aproximar de sua área, e na dividida era "bolo ou bolinho", ou seja, passava a bola mas não o adversário.

Esta característica, se não era muito aplaudido por parte da imprensa, e da própria torcida alvinegra, foi primordial para que Moisés fosse fixado como titular do time de Oswaldo Brandão, que sempre gostou de zagueiro firme e que não alizasse.

E sempre que foi chamado a intervir, Moisés não decepcionou ao velho "Caçamba". Ao lado de Zé Eduardo ou Ademar, colaborou decisivamente para que a defesa do Corinthians mantivesse uma estabilidade e um equilíbrio impressionante durante todo o Paulistão, atingindo as finais do campeonato como uma das menos vasadas do certame, e uma das mais



eficientes nos três turnos disputados.

Naquelas finais diante da Ponte, quando muita gente acreditava, Moisés fosse entregar o ouro para o inimigo, deu-se o contrário. Foram os atacantes da Macaca que não tiveram chance diante do vigor e da vontade do *Xerife* alvinegro, que policiou sua área durante todo tempo, não dando qualquer oportunidade para os adversários, que insistiram pelo

seu setor.

Por isso, quando a Fiel se levantou no final do último jogo, para festejar a quebra do tabu maldito, Moisés foi um dos mais procurados e mais festejados. Ele era o verdadeiro símbolo da garra corintiana, revivendo velhos ídolos do passado alvinegro, especialmente daquele time de 54 que tantas glórias deu ao clube do Parque São Jorge.

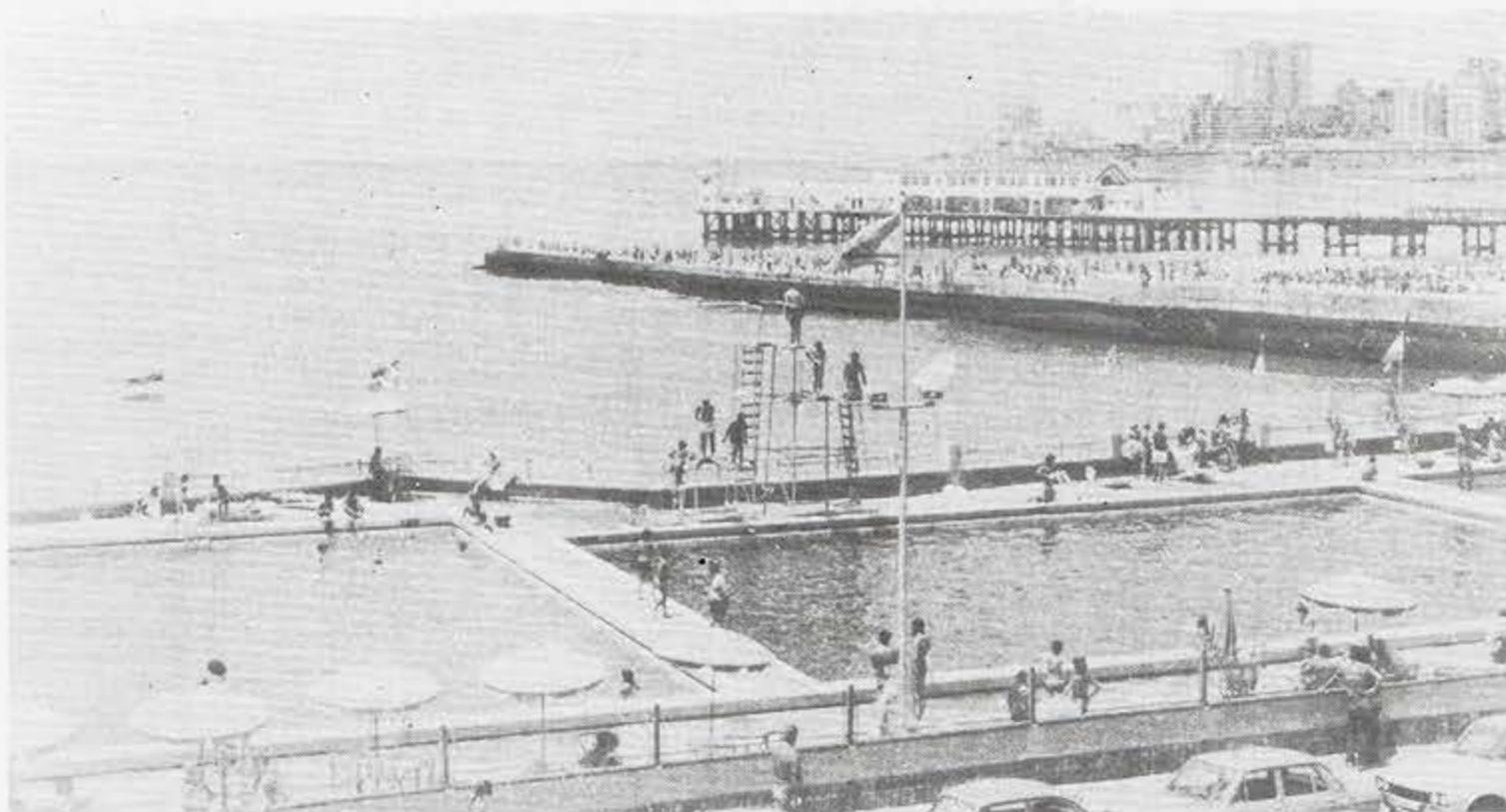
E quando recentemente o Corinthians contratou

Amaral, e muitos esperavam, Moisés fosse chiar, ele chegou elogiando o novo companheiro, e dizendo com convicção:

"Será outro bom companheiro de zaga, porque a minha camisa meu amigo, só vou largar quando sentir que não dá mais. Ainda vou assustar muito atacante por aí com fama de artilheiro. E quem estiver na minha, vai amargar a reserva. O velho xerife ainda não morreu".

Copa 78

A acolhedora Mar del Plata



Mar Del Plata poderá ser o ponto de largada para que a seleção do Brasil atinja seu grande objetivo este ano: o título mundial de futebol no Mundial da Argentina. Por estas fotos, o nosso leitor pode ter uma idéia da grandiosidade desta importante cidade turística argentina, que acolherá os brasileiros a partir do dia 25 de maio de 78. Aliás, é bom que se diga, Mar Del Plata poderá se transformar numa nova Guadalajara, na história do futebol verde e amarelo. Para quem não se lembra, Guadalajara recepcionou com tanto carinho os brasileiros, que depois da conquista do título mundial em 70, batizou-se inclusive um viaduto com este nome aqui em São Paulo, como homenagem ao povo

daquela acolhedora cidade mexicana. E Mar Del Plata poderá repetir esta acolhida. O exemplo já foi dado por ocasião da visita de Claudio Coutinho, que foi recentemente até lá, verificar os locais de concentração do Brasil. O técnico brasileiro teve todas as facilidades possíveis, e recebeu do povo marplatense uma acolhida digna de nota. Tanto que o técnico passou a pensar seriamente em manter o Brasil em Mar Del Plata mesmo durante as fases seguintes da Copa, viajando de avião ou ônibus, nos dias de jogos, para cumprir seus compromissos. Só na final é que os brasileiros iriam para Buenos Aires. E esta tese pode vingar. Esperem para ver.





DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ